

**REVISTA**  
**PORTUGUESA**  
**de HISTÓRIA**

**tomo XXX**



**COIMBRA 1995**  
**FACULDADE de LETRAS**  
**da UNIVERSIDADE de COIMBRA**  
**INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL**

**"IR A BANHOS" NA FIGUEIRA DA FOZ NO DEALBAR  
DO SÉCULO XX:  
UM OLHAR SOBRE UMA ÉPOCA\***

*Paula M. Pereira de Oliveira Dias*

**Introdução**

Rainha das praias portuguesas, a Figueira da Foz tem, desde tempos imemoriais, lugar privilegiado no espírito daqueles que, amantes do corpo, não resistem a degustá-la, qual iguaria, em limitadas doses e, fugazmente, se fundem com esta clara rainha, cumprindo o ritual do "ir a banhos".

Em 20 de Setembro de 1882, a vila da Figueira da Foz é elevada a cidade e, no mesmo ano, é inaugurado o ramal da Figueira da Foz—Pampilhosa, da linha da Beira Alta, cerimónia que teve honras de visita régia. Este acontecimento coloca a Figueira da Foz em comunicação directa com todo o País e também com a vizinha Espanha, possibilitando, de imediato, a cada vez maior afluência de

\* Este trabalho foi realizado no âmbito do Seminário do Ramo Educacional da Faculdade de Letras de Coimbra.

forasteiros.

Paralelamente, a partir do final da década de 60, a *Companhia Edificadora Figueirense* empenha-se na construção do "Bairro Novo" de Santa Catarina, permitindo o crescimento da vila no sentido oeste. Procurava-se, então, fazer face à crescente procura de habitação pelos banhistas, notória, de uma forma mais progressiva, a partir da década de 50.

De vetusta tradição como estância balnear, que remonta ao século XVIII, a Figueira da Foz, nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX, atinge o seu apogeu quando se transforma no ponto de encontro de visitantes ilustres da aristocracia e das elegâncias de Portugal inteiro, confirmando assim o seu estatuto de praia elegante.

Tendo como pano de fundo esse "fervilhar" de banhistas que elegem a Figueira da Foz como a primeira das praias portuguesas, grandes questões despontam:

Porquê tanto interesse pelos banhos de mar?

Quem era o banhista figueirense?

Como ocupava ele o seu tempo?

De acordo com António Mesquita de Figueiredo, "o banhista, mesmo o mais exigente, encontra na Figueira tudo quanto possa desejar, quer seja um mundano ou um sportsman" (\*).

O objectivo deste trabalho é precisamente ir ao encontro dessas questões e apresentar pistas que possivelmente poderão trazer alguma luz, indiciadora de uma resposta. Para tal, privilegiaram-se as fontes ligadas a publicações periódicas locais, como a *Gazeta da Figueira*, abrangendo os anos de 1905 e 1907, e ainda —*Folha Balnear Humorística-Esquipática*, números 1 e 2, do ano de 1915, presumivelmente os únicos exemplares publicados. Sobre (\*)

(\*) Figueiredo, A. Mesquita de, "A Figueira da Foz, estação balnear", *A Ilustração Portuguesa*, vol. II, 1906, pp 147-154.

estas fontes incidiu uma consulta o mais sistemática possível, de onde ressaltaram as informações relacionadas com a época balnear nos supracitados anos, abrangendo essencialmente os meses de Julho, Agosto e Setembro.

Simultaneamente, procedeu-se à consulta de obras ou publicações dispersas, obra de figueirenses que, contemporâneos dessa época, nos poderiam ajudar a esclarecer alguns aspectos relacionados com a mesma. Foi o caso do *Album Figueirense*, de folhetos diversos onde se incluem roteiros da cidade e programas do Casino, que nos permitiram partilhar de toda uma história do quotidiano e do universo social da Figueira de outrora.

Foram igualmente objecto de consulta as obras de Ramalho Ortigão, nomeadamente *As praias de Portugal*, a obra de Branca de Gonta Colaço, *Memórias da Linha de Cascais*, e a revista *Ilustração Portuguesa*, relativa ao ano de 1906.

Alguns estudos publicados quer em França, quer em Portugal, sobre as novas práticas culturais e o corpo, bem como o desenvolvimento de novas formas de sociabilidade relacionadas com as estâncias balneares, constituíram obras fundamentais de apoio.

Face a tudo isto, partamos, pois, à conquista desse quotidiano e tentemos recriar esse ritual de "ir a banhos".

## 1.0 Corpo no século XIX - A cultura do corpo

No Portugal do séc. XVIII dominava a concepção de um corpo passivo, mole, inapto para se responsabilizar por si próprio, inteiramente sujeito a factores que lhe eram estranhos. Encarava-se o corpo como uma herança, atraente ou não, legada pelos antepassados.

O corpo passivo e lânguido serve, inclusivamente, para identificar uma elite aristocrática que, pela sua ociosidade, pelo seu vestuário, pela sua alimentação farta, em suma, pelas suas condições de vida,

não estimulava a regeneração física. Durante séculos apanágio da nobreza, certas actividades físicas como a esgrima, a equitação e a dança, são consideradas um divertimento elegante e uma forma de distinguir este grupo social da restante população.

Na transição do séc. XVIII para o séc. XIX verificam-se grandes mudanças, que passam pela crítica àquelas actividades físicas de uma minoria privilegiada, aos seus artificialismos e modo de vida. Assim, a esgrima, a equitação e a dança são também apontadas como estando intimamente ligadas ao processo de " *e abastardamento* "da sociedade, que estava no centro das preocupações de todos, desde estadistas a médicos e moralistas.

Relacionado com uma política de saúde, desta feita abrangendo toda a população, desenvolve-se um projecto de exercícios físicos, exercícios esses encarados como uma forma de luta contra hábitos maléficos, factor de degeneração dos homens, tendo, igualmente, fundamentos higiénicos.

Os espaços livres e arejados da Natureza transformam-se em palco da prática desportiva: marchas, corridas, lançamentos, saltos e natação tomam-se, então, bastante mais comuns. O corpo fica, agora, dependente da capacidade e força de vontade do indivíduo para o transformar. Defende-se o amplo contacto com a Natureza para a formação de um corpo forte, possuidor de músculos, " *um verdadeiro corpo apolíneo* " <sup>(2)</sup>.

Desenvolve-se, assim, uma nova concepção do corpo, onde os exercícios defendidos pelos higienistas ocupam lugar de destaque, pois surgem como meios "naturais" de intervenção sobre as doenças e soluções preventivas dos males do corpo.

Faz-se o elogio do mar, das termas, dos banhos frios e da ginástica, em detrimento dos banhos quentes, colocando-se todas estas formas de culto do corpo ao alcance da média e alta burguesia.

(2) Crespó, Jorge, *A História do Corpo*, Lisboa, Difel, 1990, p. 571.

De facto, esta nova dinâmica estava também ligada a uma burguesia em ascensão, consciente das suas potencialidades e decidida a criar uma maneira própria de estar na vida, que passava, também, pela adopção desta nova concepção do corpo.

No último quartel do séc. XIX, Portugal é palco de uma intensa campanha a favor do desporto, surgindo associações desportivas por todo o País. Em 1875, é fundado o *Real Gymnasio Club*, cujos "serviços prestados à educação física da mocidade portuguesa são já relevantes" (3).

Ramalho Ortigão acrescenta, pesaroso, o facto de este clube ter sido fundado pela iniciativa particular e não pelo Estado que, segundo ele, quando se trata do "*desenvolvimento fisiológico da raça é contemplativo, asceta e inacionista*" (4).

Paralelamente, outras Associações e Clubes brotam por todo o País — de "*football*", esgrima, de ciclismo — evidente sinal do desenvolvimento do desporto em Portugal.

Finalmente, em 1905, a disciplina de Educação Física entra no percurso escolar dos estudantes liceais, como tentativa de aperfeiçoamento da raça, pois, de acordo com Ramalhão Ortigão, anglómano entusiasta, "*(...)ocriquet, o lawn-tenis, ofoot-ball(...), o skating e a regata são exercícios regulados e coordenados para o fim de elevar a agilidade e a força da raça ao máximo desenvolvimento que ela pode atingir*" (5).

Este "vício do *sport*", reflexo de uma vincada anglomania da sociedade portuguesa, no final do século XIX, passa, igualmente, a vincar um estatuto social e será a nova elite que o introduz nas termas e estâncias balneares.

(3) Ortigão, Ramalho, *Jonh Bulí, O Processo Gordon Cumming, Lord Salisbury e Correlativos Desgostos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943, p. 216.

(4) *Idem*.

(5) *Ibidem*, p. 186

Essa verdadeira adulação do desporto está bem patente num artigo sobre uma regata, que teve lugar em Setembro de 1915, na Figueira da Foz, em que o articulista inicia o seu texto do seguinte modo: "*Tratase do Sport! O Sport! A única coisa aprovável que a vida tem! O Sport é a hóstia sagrada que o corpo ergue à natureza*" (6).

Pela década de 40, assistimos à grande afluência às termas minerais, quer buscando as propriedades medicinais das águas, quer impelidos pelo fascínio de um ambiente aristocrático que elas transmitiam.

Contudo, já a partir de meados do século, sensivelmente, se evidencia o gosto pelos banhos de água salgada e água do rio, surgindo também o desenvolvimento de desportos náuticos como a vela, o pólo aquático e a natação. Estes desportos desenvolvem-se, sobretudo, devido ao impulso e influências transmitidas pela colónia inglesa em Portugal.

A partir de 1880, as estâncias balneares são já uma "moda", o que irá afectar o acesso às termas.

Analisar o carácter medicinal e profiláctico do "ir a banhos" e a sua significação sociológica é o objectivo dos capítulos seguintes deste trabalho.

## **2. O significado de "ir a banhos"**

Desde inícios do séc XIX que a Figueira da Foz é apetecida para a fruição de revigorantes banhos de mar, essencialmente com fins terapêuticos.

A praia de Buarcos pôde registar nos seus anais o honroso facto de, em tempos (algo) remotos, ter sido frequentada por tão selectos banhistas como foram os Cónegos Regrantes de Santa Cruz de

(6) *A Córcega*, n.º1, 12 de Setembro de 1915.2.

Coimbra, que, em 1802, aproveitaram as virtudes terapêuticas dos banhos de praia de Buarcos (Anexo I).

Os banhos de mar *"eram por essa altura, o grande remédio aconselhado pela medicina empírica que havia dentro e fora do país"* (7). Tomavam-se os banhos de mar como se de um remédio se tratasse, não por prazer. O ar do mar era tido também como um revigorante, sobretudo para as crianças, bem como o banho de areia e a alimentação feita à base de mariscos. Procura-se disfrutar e usufruir das propriedades marítimas na sua totalidade.

De acordo com Ramalho Ortigão, *"produz-se a acção medicamentosa quando a temperatura é mais elevada e a duração dos banhos mais longa"* (8), cerca de três quartos de hora. Os banhos frios, de mar, autênticos banhos medicinais, são para a saúde *"uma das primeiras necessidades, mormente para o homem da cidade que passa o tempo no escritório ou na oficina"* (9).

Na opinião de Branca de Gonta Colaço, esta prática medicamentosa obedecia a um ritual e *"os banhos de mar deviam ser rápidos, com três mergulhos e apanhando o banhista o choque de sete ondas (...), saía-se rapidamente da água, pingando, era de bom tom tiritar"* (10). Era a este tipo de tratamento marítimo que então se chamava "ir a banhos".

Este ritual era extensivo, não só a Portugal, mas também à Europa, nomeadamente, à França, como nos transmite André Rauch: *"(..) Coëtlogon eRouvron partiram esta manhã para Dieppe, a fim de mergulharem três vezes no mar"* (11).

(7) Colaço, Branca de Gonta, *Memórias da Linha de Cascaes*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1943, p. 18.

(8) Ortigão, Ramalho, *As Praias de Portugal-Guia do banhista e do viajante*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943, p. 261.

(9) *Gazeta da Figueira*, n.º 1506, 25 de Agosto de 1906.

(10) Colaço, Branca de Gonta, *op. cit.*, p. 19.

(11) Rauch, André, *Vacances et pratiques corporelles—La naissance des morales du dépaysement*, Paris, P.U.F, 1988, p. 14.

A imersão compreende precauções significativas: entrar na água pode-se fazer de uma só vez ou gradualmente; pode-se molhar a cabeça primeiro ou avançar progressivamente, mergulhar as mãos e só depois os braços, friccionando-os.

*"Homens e crianças entravam na água com longos fatos de malha, colantes, às riscas horizontais brancas e pretas, joelhos cobertos e mangas abaixo dos cotovelos. As senhoras arrastavam pela areia e pela água pesadas caudas duns vestidos de castorina escura, avivada a nas tro branco"* (12). Contudo, à medida que vamos entrando no séc. XX, o fato de banho feminino beneficia de uma audaciosa modernização. Surgem, então, os "*de castorina escura, com folho debaixo do joelho, um grande casaco com abas, até meio da coxa, avivado a nastro branco"* (13).

O banhista, mais frequentemente a banhista, deixa-se precipitar "*pela mão do banheiro ou agarrada a cordas de protecção, com água pela cintura e dando gritos de susto, quando a ondulação lhe rasa os ombros*" (14), dando, assim, cumprimento ao ritual dos três mergulhos. Sustentado pelo banheiro, o banhista apresenta-se à onda, submerge por um instante e, de seguida, retoma o fôlego. À luz da medicina de então, estes choques consecutivos provocariam uma reacção cutânea essencial à cura.

O banho de mar inaugura, assim, esta atenção que o Homem passa a dispensar ao seu corpo, deslocando-se, sazonalmente, em direcção às praias, procurando aí usufruir e beneficiar das propriedades medicinais da água e do ar, que lhe afectarão a aparência.

O "ir a banhos" traduz, simultaneamente, um estado de saúde e cuidados dispensados com a higiene, mas também o usufruto de determinadas condições de vida e de determinada sociabilidade,

(12) Colaço, Branca de Gonta, *op. cit.*, p. 19.

(13) *Idem.* p. 20.

(14) *Idem.* p. 19.

espelho da posição social do banhista.

Provisoriamente, o banho de mar pode limitar-se a uma imersão numa banheira, em água temperada ou mesmo a um duche de água do mar, à beira da água, onde um guia banhista, diligentemente, despeja o conteúdo de uma bacia sobre a cabeça do seu cliente.

O banho de mar pode, assim, ser tomado em casa e, para tal, a Figueira da Foz dispõe de vários balneários.

Os *Balneários de Villa Campos*, cujo estabelecimento se encontra situado junto à Praça de Touros, oferecem as maiores comodidades aos clientes, incluindo-se aqui um esmerado serviço de hotel, bem como um tratamento de banhos de vários tipos (Anexo II).

O *Balneário do Paul*, supostamente o mais antigo, "*pois desde 1880 que serve o publico*" (15), situava-se junto ao Jardim Municipal, no Largo Dr. Pereira das Neves. Possuía banhos de vários tipos, à semelhança dos de Villa Campos, mas alguns destes tinham um carácter específico na cura de doenças como "*espondilose, doenças nervosas e várias modalidades de reumatismo*" (16). As águas para o tratamento destas doenças vinham das *Caldas da Amieira*, transportadas em vasilhas de vidro.

Em 1907, encontramos também em funcionamento, a *Casa de Banhos Reis*, dirigida pelo médico Pereira das Neves, oferecendo ela também desde banhos salgados a banhos doces, onde se incluem as águas da Amieira.

Funcionava ainda o *Balneário de Villa Mar*, que abria as suas portas ao público a 1 de Junho, fechando-as a 30 de Novembro. Encontrava-se junto à linha do "americano", frente ao mar, o que trazia evidentes vantagens aos seus clientes. De salientar que as suas ruínas ainda hoje são visíveis na actual Avenida 25 de Abril.

(15) Falcão, Manuel Ayres, anúncio publicado em *Figueira da Foz, Roteiro da Cidade*, Coimbra, s.d.

16) *Idem*.

O cliente optava por banhos de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> ou mesmo de 4.<sup>a</sup> classe, podendo ainda alugar um quarto no balneário. Em 1914, o Balneário de Villa Mar beneficia de melhoramentos, passando a incluir massagens e "aplicações eléctricas".

O cliente-banhista encontra à sua disposição uma multiplicidade de banhos de água do mar e de água doce que lhe proporcionam um tratamento medicinal, sobretudo pela aplicação das águas das termas da Amieira, "*únicas do paiz semelhantes às de Luxeuil — França*"<sup>(17)</sup> (Anexo III), mas também usufrui de bem-estar e prazer.

Encarado como um tratamento medicinal, o banho deve obedecer a regras estipuladas pelo médico, alargando-se estas também aos banhos caseiros. Assim, as quantidades de água a utilizar são as seguintes: 200 litros para adulto, 150 para rapaz e 25 a 50 para criança.

Contudo, esta visão dos banhos, como tratamento medicinal, começa a ser posta em causa, concretamente nos inícios do séc. XX, como nos testemunha o articulista C.B. quando diz: "*o que traz os forasteiros não é a necessidade de banhos de mar. Os banhos de mar como tractamento medicinal estão fallidos (...), a vida da praia é o alheiamentoprovisório dos negócios e das tribulações de cada dia*"<sup>(18)</sup>.

Há, assim, uma nova faceta ligada aos banhos de mar, que passam a ser encarados como uma forma de evasão, de descanso, quiçá como umas "férias"!

Mais notória a partir de 1880, esta moda das estâncias balneares foi inicialmente apanágio de uma aristocracia europeia, mas esta é a breve trecho acompanhada por outros públicos, saídos das classes ligadas ao negócio, cuja idade ou fortuna permite a libertação das

<sup>(17)</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1337,4 de Janeiro de 1905.

<sup>(18)</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1407, 9 de Setembro de 1905.

suas actividades profissionais. É com a chegada deste novo público que a significação dos banhos de mar e das estadas na praia muda de conteúdo e de dimensão. A natação, os passeios, os jogos à beira-mar, as regatas surgem como ideais burgueses que, além de pretenderem evitar a decadência da raça, se apresentam não como prescrições reveladoras de curas de saúde, mas são, essencialmente, transmissores de uma cultura, de uma educação, de um estatuto social.

### **3.0 caso da Figueira da Foz — o Bairro Novo**

Confrontada com a cada vez maior afluência de banhistas, a Figueira tem necessidade de se remodelar urbanisticamente.

Por volta de 1850, veio de Lisboa António Maria Pereira da Silva, engenheiro, como objectivo de construir uma passagem para os barcos que tinham ficado presos devido ao assoreamento do porto da Figueira. Este engenheiro irá, na década de 60, *alguns burgueses e alguns velhos e ricos capitães de navios*"<sup>(19)</sup>, fundar a *Companhia Edificadora Figueirense*. Pretende-se levar a efeito a construção de um novo bairro de casas especialmente destinado a banhistas, procurando dar resposta à falta de alojamento que se fazia sentir. Este bairro, situado junto ao Forte de Santa Catarina, erguia-se num local elevado, à beira do Oceano. "*O Bairro Novo, bairro aristocrático, parece caminhar, para Buarcos, assim a modos de quem quer abraçar*"<sup>(20)</sup>.

Entre a aristocracia da região, interessada em adquirir terrenos para a construção, destaca-se a Condessa de Maiorca.

O Bairro Novo vai basear-se, quer na organização, quer nos

<sup>(19)</sup> Pinho, Jorge Manuel Martins, *A Toponímia do Bairro Novo*, Figueira da Foz, 1982, p. 2.

<sup>(20)</sup> *Figueira da Foz vista por dentro e por fora no último ano em que foi vila. Reportagem publicada na Gazeta Ilustrada — O Atheneu da cidade do Porto*, 1881.

moldes de construção, em bairros de praias francesas então em voga, como Arcachon, Biarritz e Dieppe. Além dos investimentos levados a cabo por famílias da Figueira, que empregaram alguns fundos na compra de terrenos para construção, com o objectivo futuro de alugarem essas casas a banhistas, muitas famílias de Coimbra e da Beira aqui adquiriram terrenos para construírem as suas casas de Verão. Em 1881, o Bairro Novo era já uma realidade.

" *Bairro de veraneantes e do lazer, nele se encontram algumas das mais belas casas oitocentistas e dos inícios de novecentos com belas varandas e beirais à portuguesa delineados por belos azulejos florais*" (21).

Com a existência do Bairro Novo, alteram-se os costumes da Figueira. A Praça Nova deixou de ser o principal ponto de interesse e de reunião. Cafés e estabelecimentos da Baixa transferiram-se para a parte Alta, povoando a colina fronteira ao mar. Este novo aglomerado urbanístico esteve longe de agradar a todos os figueirenses, que sentiram os seus hábitos e o seu quotidiano alterados em detrimento de "*um bairro unicamente de e para banhistas*" (22), encarando o Bairro Novo e a Figueira como realidades inteiramente distintas e, até, pouco amigas (Anexo IV). Das suas palavras podemos concluir que a Figueira desta época se caracteriza, essencialmente, por dois tipos de população : a população fixa, que habita, predominantemente, a antiga Vila e a população flutuante, que habita o Bairro Novo e lhe dá vida. Ramalho Ortigão diz-nos que a população fixa frequenta a *Assembleia Figueirense*, enquanto que a população flutuante frequenta a *Assembleia Recreativa*. Estes locais de recreio acabam por ceder ao progresso e, em 1900, já a sociedade fina e seleccionada frequenta os Casinos

(21) Borges, José Pedro de Aboim, *Figueira da Foz*, Editorial Presença, Lisboa, 1991, pp. 78-79.

(22) *Gazeta da Figueira*, n.º 1619, 5 de Outubro de 1907.

e Cafés que abundam por todo o Bairro Novo.

Algumas questões surgem:

A partir de que mês começa a Figueira a receber os seus banhistas?

Quem são esses forasteiros?

Pertencerão todos a um único estrato social, a uma elite, ou já podemos falar de uma "democratização" dos banhos?

Como ocupam os seus tempos de ócio, numa altura em que o "ir a banhos" arrasta consigo uma panóplia de novas actividades lúdicas que conferem um novo ambiente às estâncias balneares?

A estas questões tentamos, de seguida, dar resposta.

#### **4. A origem social dos frequentadores da Figueira da Foz: Caracterização da época balnear**

Para os figueirenses, *"banhista é toda gentil e distinta dama ou donairoso e honesto cavalheiro que faz pública demonstração de elegância e de bom gosto (...) possuindo alguma coisa de sobrenatural e sagrado"* (23). Mas o que atrai estas damas e cavalheiros à Figueira da Foz elegendo-a como a sua praia, durante a estação balnear?

*"A óptima situação topográfica, as bellezas natur aes dos arredores, a facilidade de acesso pela via férrea, todas as commodidades da moderna Civilização..."* (24). A Figueira da Foz apresenta-se, assim, ao banhista, quer português, quer espanhol, como uma praia de vantagens. De entre essas vantagens e comodidades, destacamos o Caminho de Ferro, determinante na afluência de banhistas nacionais e estrangeiros. Em 10 de Agosto de 1880, são inauguradas as obras de construção do troço do Caminho de Ferro da Beira Alta,

(23) *Gazeta da Figueira*, n.º 1410, 20 de Setembro de 1905.

(24) Figueiredo, António Mesquita de, *Mostração Portuguesa*, vol. II, 1906, pp. 147-154.

situado entre a Figueira e a Pampilhosa. Em Agosto de 1882, essa linha já se encontra aberta ao tráfego, quer de mercadorias, quer de pessoas, permitindo também a circulação de forasteiros espanhóis. Em Junho de 1888, uma segunda linha férrea é aberta, a do Oeste, ligando a Figueira a Leiria, permitindo também o contacto com a capital e, conseqüentemente, o intercâmbio de pessoas. Por sua vez, em 1889, é aberto o ramal entre Amieira e Alfarelos, possibilitando a ligação com as linhas do Norte. A Figueira passa, assim, a dispor, no final do séc. XIX, "*de dois comboios diários de e para Lisboa, acrescidos de cinco para e de Alfarelos*" (25).

O movimento de comboios é fundamental para o povoamento da Figueira, durante a época balnear, conforme testemunham as publicações locais: *todos os dias os comboios trazem novos visitantes que dão à cidade extraordinária vida e animação* (26), ou ainda: "*os comboios continuam, há dias a esta parte, despejando nesta cidade muitos forasteiros*" (27). Nas publicações locais é também frequente a referência a abatimento de preços, praticados por este meio de transporte, concretamente, na linha da Beira Alta.

Geralmente, o serviço especial de venda de bilhetes de Verão, coincidia com a abertura da temporada de banhos, ocorrendo esta, sensivelmente, a partir de meados de Junho, inícios de Julho. O banhista figueirense dispunha de um *Guia Prático do Banhista na Figueira da Foz*, uma brochura que continha variadas informações úteis, tais como horários e preços de bilhetes de comboio, bem como indicações "*de muitas cousas da Figueira que o forasteiro tem necessidade de saber*" (28). Essas "cousas" diziam, provavelmente,

(25) Cascão, Rui, *Permanência e Mudança em duas comunidades do Litoral: Figueira da Foz e Buarcos entre 1861 e 1910*, Universidade de Coimbra, 1989, vol. II, pp. 461-462.

(26) *Gazeta da Figueira*, n.º 1505, 22 de Agosto de 1906.

(27) *Gazeta da Figueira*, n.º 1592, 3 de Julho de 1907.

(28) *Gazeta da Figueira*, n.º 1388, 5 de Julho de 1905.

respeito a estruturas de apoio necessárias ao visitante, como o alojamento. O banhista dispõe de cerca de cinco hotéis, em funcionamento no Bairro Novo. São eles o *Grande Hotel Lisbonense*, o *Hotel Saudade*, o *Grande Hotel Alliança*, o *Grande Hotel Universal* e o *Grande Hotel Español*. Os preços praticados pelo Grande Hotel Alliança e Universal são os mesmos, oscilando entre os 1\$200 e os 2\$500 réis, preços, provavelmente, indicados para uma clientela de elite. Ficam ambos "esplendidamente" situados, próximo da praia, disfrutando de uma maravilhosa vista do mar, além de estarem próximos dos Casinos.

É evidente a preocupação do figueirense em orientar e servir os seus banhistas, fonte de muitas das suas receitas, tal como nos ilustra C.B., o articulista já anteriormente citado: *"A Figueira tem, apenas, uma grande indústria — o Verão; uma grande fábrica — a praia; uma inesgotável matéria-prima — o mar; um infatigável operário — o banhista"* (29).

As ligações entre os vários pontos da cidade e a estação dos caminhos de ferro, assim como entre a praia e a estação, eram asseguradas por carreiras de "americanos", que garantiam o transporte de passageiros, desde as seis horas da manhã.

O advento do banhista ocorre, com maior intensidade, cerca do dia 15 de Julho. De acordo com C.B., podemos dividir a população balnear em três grupos ou classes acentuadamente diferenciados: *"(...) a dos banhistas hespanhoes, a dos banhistas portugueses e a dos banhistas de alforge"* (30). A partir da data supracitada, começa-se a ouvir a nossa língua, à mistura com o idioma de Cervantes. Segundo C.B., os banhistas espanhóis oscilam com os câmbios—se estão altos, em Agosto, todo o Bairro Novo aparece a falar castelhano. A vida destes banhistas decorre segundo um ritmo quotidiano que

(29) *Gazeta da Figueira*, n.º 1403, 26 de Agosto de 1905.

(30) *Gazeta da Figueira*, n.º 1410, 20 de Setembro de 1905.

engloba três estádios: a praia, o passeio da Avenida e o café. A estes estádios, devemos acrescentar um outro: o Casino. No final do mês de Agosto, começam a abandonar esta estância balnear.

Quanto ao banhista português, C .B. distribui-o em diversas categorias — desde o *banhista político*, o *banhista que cultiva o "sport "*e professa a religião da *"herdeira rica* o *banhista que vive na adoração perpétua das bailarinas espanholas*, fazendo, por isso, constantes "romagens " aos Casinos, ao *abastado proprietário* de terras das Beiras e do Alentejo. Nestes banhistas, incluem-se famílias de Coimbra e Lisboa, por vezes pouco simpáticas à população indígena, verificando-se uma certa animosidade, suscitada, sobretudo, por certos banhistas de Coimbra, nomeadamente, ligados à Universidade.

Setembro moribundo e estes banhistas partem, saudosos das distrações *"que lhes oferece uma praia engravatada, uma praia de bom-tom"* (31). Ei-lo então que desembarca, o *banhista de alforge*, findas que estão as colheitas e as vindimas. Durante os primeiros quinze dias de Outubro, as terceiras classes (porque não havia quarta...) dos comboios beirões e estremenhos abarrotam deste tipo de banhistas ( Anexo V ).

Devido às suas fracas posses, deitam-se muito cedo e levantam-se ainda "lusco-fusco", para tomarem o seu banho. Este banhista outubreiro toma, pontualmente, o seu banho diário, cumprindo rigorosas prescrições do médico: *"Se o médico lhes receitava vinte banhos, tomavam dois por dia, um de manhã outro à tarde, para reduzir economicamente a demora de dez dias"* (32). Ficavam também alojados na povoação de Buarcos, *"porque alli as casas são mais modestas e, por isso, menos caras que no Bairro Novo"* (33) e onde

(31) *Album Figueirense*, Ano III, n.º 10, pp. 308-310.

(32) *Idem*.

(33) *Gazeta da Figueira*, n.º 1401, 19 de Agosto de 1905.

também não necessitavam de se vestir com tanta cerimónia. Por outro lado, o mar, naquele local, era mais propício ao banho, condição essencial para este banhista.

Por vezes, à noite, o banhista de alforge permitia-se o luxo de uma volta pelas ruas do Bairro Novo, "*pasmado ante os frequentadores dos Casinos (...) ou boquiaberto com o movimento e música dos cafés onde não entrava*" (34).

A época de maior movimento e concorrência nesta estância balnear ocorre nos meses de Agosto e Setembro, coincidindo com a presença da colónia espanhola.

De referir, ainda, os banhistas ocasionais—são os excursionistas motivados pelas tradicionais festas de S. João, de Nossa Senhora da Encarnação ou, ainda, pelas touradas no Coliseu.

Sendo uma praia elegante, de elite, a Figueira da Foz recebeu, em 31 de Agosto de 1907, a presença de uma real personalidade: o *Infante D. Manuel*, que se fazia acompanhar pelo visconde de Asseca (Anexo VI).

O terminus da época balnear acontece por volta do dia 20 de Outubro, data em que os Casinos encerram as suas portas.

#### *4.1.—A vida quotidiana na Figueira da Foz durante a Época balnear*

Como anteriormente pudemos verificar, existem vários tipos de banhistas que se deslocam sazonalmente à Figueira. Se é um mundano, encontra aqui, nos Casinos e nos cafés, todos os requintes inerentes à sociabilidade dos grandes centros urbanos; se, porventura, for um "*sportsman*" pode aqui, facilmente, praticar os seus exercícios, dispondo de excelentes locais e instituições do género, além de colegas figueirenses que, de bom grado, o podem acom-

(34) *Album Figueirense*, Ano III, n.º 10, pp. 308-310.

panhar; se vem procurar repouso, pode encontrá-lo, quer à beira-mar, quer nos passeios pitorescos pelos arredores. Com esse propósito, são organizados passeios fluviais onde se apreciam, quer as paisagens, quer os deliciosos farnéis.

*"Nogeral, a vida da maior parte dos banhistas decorre entre a Praia e os Casinos"* <sup>(35)</sup>.

Das sete às onze horas, decorre o banho, altura em que a praia regorgita de gente, predominando as senhoras com as suas ligeiras e frescas *toilettes*. Enquanto aqueles que tomam banho, *"por necessidade poucos, por snobismo muitos"* <sup>(36)</sup>, correm até à beira da água ou se passeiam ao longo da praia, surgem outros intervinientes: os curiosos, *mirones* que se detêm a observar as meninas durante o banho, além dos impertinentes e ousados fotógrafos. Enquanto isso, sob os toldos, outros grupos tecem críticas às figuras da praia ou comentam acontecimentos ligados a esta estância balnear. E igualmente durante este período matinal do banho que se pratica um divertimento predilecto — o *flirt*.

Das duas às cinco, realizam-se *Concertos* oficiais nos *Casinos Peninsular* e *Mondego*. Terminados os concertos, deslocam-se pessoas para as ruas do Bairro Novo, apresentando-se estas bastante movimentadas. Além dos concertos nos Casinos, a *Filarmónica Figueirense*, por vezes, também presenteia os banhistas com concertos ao ar livre. O banhista mais apreciador da Natureza pode deleitar-se com os passeios no Mondego — que, esporadicamente, também têm lugar à noite, apresentando-se, nessa altura, o rio todo iluminado —, optar por uma pescaria, caça a aves ou visitar os arrabaldes. Divertimentos não faltam!

Frequentes são, também, os *rendez-vous* na *Pastelaria Bijou*, situada no Bairro Novo, onde toda a sociedade elegante da praia se

(35) Figueiredo, A. Mesquita de, *Ilustração Portuguesa*, Vol. II, 1906, pp. 147-154.

(36) Figueiredo, A. Mesquita de, *Ilustração Portuguesa*, art. cit.

encontrava para tomar chá: "*Hontem, vimos lá (...) viscondes, (...) muitos senhores de barões para cima e damas muito chics...*" (37). Ocasionalmente, a sociedade elegante poderia reunir-se numa "*Garden-party*", oferecida por algum elegante à sociedade da praia.

O jantar decorria, normalmente, entre as cinco horas da tarde e as oito da noite. Quem pretendesse um *menu* mais requintado, poderia frequentar o *restaurant* do Casino Peninsular ou os restaurantes dos grandes hotéis, com especial destaque para o Grande Hotel Universal.

À noite, após o jantar, os banhistas reúnem-se novamente. Se não possuem dinheiro para pagar a inscrição nos Casinos, reúnem-se, então, nos Cafés, podendo optar entre o *Oceano*, o *Hespanhol*, o *Europa* ou o *Internacional*, onde ouvem música e "beberricam", economicamente, em pequenos goles aristocráticos, uma bebida.

Se estamos perante um banhista de posses, este pode escutar um concerto no *Jardim de Inverno do Casino Peninsular*, a Fanfarra no Parque do Casino Mondego ou ainda assistir a alguns números de *Folies Bergères* e bailados espanhóis. De seguida, todos se dirigem para os salões de baile dos Casinos, onde executam, animadamente, algumas *valsas, quadrilhas e lanceiros*. Por vezes, tem lugar um *cotillon* (38), geralmente promovido por cavalheiros de elite, que o oferecem às damas.

Pela meia-noite, termina o dia do banhista, que para muitos se revela, como podemos constatar, verdadeiramente extenuante!

Toda esta actividade permite inferir das mudanças que se operam no modo de "viver o banho", nos inícios do séc XX, altura em que estes deixaram de ter uma finalidade exclusivamente terapêutica, para surgirem indissociavelmente ligados a uma actividade social intensa.

(37) *A Córcega*, n.º 1, 12 de Setembro de 1915.

(38) "*Cotillon*" - Reunião acompanhada de danças e jogos.

## 5. Actividades recreativas

### 5.1. Os casinos

Como constatámos, nesta estância balnear vivia-se um ambiente cultural e mundano muito intenso, a que os Cafés e os Casinos procuravam dar resposta. Neste enquadramento, o *Casino Peninsular* surge-nos intimamente ligado à vida mundana, por lá passando os melhores artistas nacionais e estrangeiros, sobretudo de nacionalidade espanhola. A colónia espanhola que, como vimos, era parte integrante da sociedade balnear local, se destinavam, também, as atracções divulgadas nos Programas de Festas dos Casinos e na Imprensa local.

Mas, como surgiu o Casino Peninsular da Figueira da Foz?

O edifício do Casino Peninsular não foi construído de raiz, tendo, pelo contrário, resultado da gradual alteração de um edifício já existente — *O Teatro-Circo Saraiva de Carvalho* situado, estrategicamente, na Rua Bernardo Lopes, no Bairro Novo. Esta transformação deriva da crescente procura de novos meios de diversão pelos seus frequentadores, sendo o Bairro Novo ideal pela afluência de banhistas, pois aí se encontrava grande número de atracções. Outros Casinos aí funcionavam, como o *Casino Mondego*, que, a julgar pela informação recolhida, foi a primeira casa a ser construída no Bairro Novo, cerca de 1868. Segundo o jornal *Cócega*, este Casino encontrava-se "falecido" em 1915. Depreendemos, assim, que, nesta data, ele teria terminado as suas funções, exclusivamente enquanto Casino, pois neste edifício funcionou, posteriormente, o Hotel Portugal. Além deste, estavam também em funcionamento o *Casino Hespanhol e Oceano*, segundo se crê, servindo como meros cafés, pomposamente apelidados de Casinos, em nada comparáveis ao Grande Casino Peninsular, pelo que o Senhor Visconde de Boaventura diz que a "... *palavra Eden é pouco*

*expressiva para dar ideia d'este grandioso e deslumbrante estabelecimento (...) onde se dão renfamilias aristocráticas de Portugal e de Hespanha e todas as pessoas qualificadas que frequentam a praia* Chega ainda a concluir que .. *os salões de Monte Cario são pequenos comparados com os do Casino Peninsular* <sup>(39)</sup>.

Com a chegada dos forasteiros, anima-se a praia e o Bairro Novo que, à noite, se povoa de frequentadores apinhados às portas dos Cafés e Casinos. Estes iniciam então harmoniosos concertos ao som dos seus *sextetos*, que, geralmente, incluem também músicos estrangeiros. Além dos grupos musicais que facultam aos banhistas concertos regulares, os Casinos apresentam também espectáculos de bailado.

Em Agosto de 1905, estreiam-se no Casino Peninsular as bailarinas espanholas, *Mary Diaz* e *Paquita López*. Devido à grande diversidade e qualidade dos seus espectáculos, este Casino apresentava extraordinária concorrência, tendo, em Setembro desse ano, registado a entrada de 1800 pessoas, por ocasião de um animadíssimo Sarau.

Em 1906, a abertura da *saison* ocorreu em meados de Julho, debutando no Casino Mondego, a 4 de Agosto, a "*formosa chanteuse parisiense*" *Bella Juanita*, prolongando-se a sua actuação durante toda a estação balnear, recebendo inúmeros aplausos e enchendo, consecutivamente, as salas do Casino Mondego.

No dia 1 de Agosto desse ano, abriu as suas portas o "*grandioso Casino Peninsular*" contando com a actuação das bailarinas *Las Pastor's*, frequentadoras de palcos internacionais, como "*Paris, Roma, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Montevideu, Havana e Manila*" <sup>(40)</sup>. Estas bailarinas executaram o cake-walk <sup>(41)</sup>, dança

<sup>(39)</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1492, 7 de Julho de 1906.

O *Gazeta da Figueira*, n.º 1502, 4 de Agosto de 1906.

<sup>(41)</sup> Dança originalmente representada por negros americanos, que se baseava numa marcha de passos intrincados, com um biscoito como prémio para os melhores dançarinos.

em que obtiveram o primeiro prémio no Éden, em Barcelona. Além desta dança, executaram, com suprema elegância, o *minuete* <sup>(42)</sup> e o tango.

Outros artistas, como a *Bella Fornarina*, "*prodigiosa mulher que consegue arrebatat plateias*" <sup>(43)</sup>, pisaram os palcos deste Casino. Em Setembro estrearam-se as bailarinas *Las Ampolas* e os músicos excêntricos *Los Pupos*, além do dueto cómico italiano *Thali-Fernandi*, tendo ainda, em Outubro, actuado o barítono *Negri*.

Como facilmente se constata, predominam as atracções internacionais em detrimento das nacionais. No Casino Mondego actuou a bailarina *Pepita Sevilla* e os "*duettistas Gillots*, artistas de grande mérito. Além destes espectáculos, promovidos por estas duas casas de recreio (as mais bem frequentadas), no Europa actuou o tranformista Silva Carvalho e, no Internacional, a "*coupletista*" espanhola *Argentina*.

No dia 1 de Agosto de 1907, abriu as suas portas ao público o *Grande Club Peninsular*, título pomposamente escolhido pelo Casino Peninsular, "*pois ele é, no género, uma das primeiras casas da Península*" <sup>(44)</sup>. A elite, frequentadora habitual deste Casino, pôde apreciar, aí, a actuação da graciosa bailarina espanhola *La Argelina* e os cantores *Wilka* e *Garry*. De salientar a actuação de *M<sup>me</sup>. Mariscal*, "*uma das mais extraordinárias sonâmbulas que tem aparecido nas principais cidades da Europa*" <sup>(45)</sup>. No Casino Mondego, actuaram a cantora *Henriqueta Veiga* (finalmente uma

Um articulista da *Gazeta da Figueira* denomina esta dança de "*dança de kangurus, obscena e ridícula*".

<sup>(42)</sup> Dança de passos miúdos, de origem popular francesa. Foi adoptada pela Corte de Luís XIV e pelas Casas Reais da Europa, onde se dançava aos pares.

<sup>(43)</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1502, 11 de Agosto de 1906.

H *Idem*, n.º 1601, 1 de Agosto de 1907.

<sup>(45)</sup> *Idem*, n.º 1607, 24 de Agosto de 1907.

artista portuguesa...) e a cançonetista espanhola *Mercedes Blasco*. Em Outubro, debutaram nesta casa de recreio artistas ventríloquos e ilusionistas. Neste ano balnear, o Casino Internacional é mencionado na imprensa local como sendo um dos mais importantes Casinos da cidade, actuando nos seus palcos bailarinas espanholas de grande mérito, como *Las Ramitos*.

Com o encerramento dos espectáculos nos Casinos despovoava-se a chamada "Rua dos Casinos" e anuncia-se o fim da época balnear, que ocorre a 20 de Outubro.

O banhista, por mais exigente que seja, encontra nesta estância balnear elegante toda uma variedade de espectáculos de qualidade, de que pode usufruir.

## 5.2. Os Teatros

A vida teatral portuguesa conheceu, no tempo que vai de 1875 a 1926, um dos períodos de maior intensidade. Ela foi visível a vários níveis, desde a grande quantidade de peças originais traduzidas ou adaptadas, até à presença de Companhias estrangeiras entre nós, passando pela enorme afluência de público e pela edificação ou reconstrução de casas de espetáculo. Neste período se enquadra a edificação do *Teatro-Circo Saraiva de Carvalho*, que foi inaugurado a 4 de Setembro de 1884 (Anexo VII), sofrendo, posteriormente, uma metamorfose ao ser transformado em Casino, a partir de 1895.

### 5.2.1. Casas de Espectáculo

O *Teatro Príncipe D. Carlos*, obra de regeneradores, que os progressistas tinham pretendido ultrapassar com a construção do Teatro-Circo Saraiva de Carvalho, foi inaugurado em 8 de Agosto de 1874, terminando os seus dias num incêndio que teve lugar a 25 de Fevereiro de 1914. Este Teatro situava-se no espaço hoje

transformado em "praceta", defronte ao Café Ñau, junto à Doca e à actual Rúa da República. Acolhia cerca de 700 a 800 espectadores, desenvolvendo na época balnear de 1905 a 1907 urna intensa actividade teatral, actuando no seu palco os melhores actores nacionais. Além deste Teatro, a imprensa local dá-nos também conhecimento de outro, o *Teatro-Circo*. Este aparece-nos, pela primeira vez, mencionado em Agosto de 1906, num artigo da *Gazeta da Figueira*: "(...) está sendo transformado em teatro o circo onde funcionou a *Companhia de M<sup>me</sup>. Mejstrick*, devendo em breve começar ali os seus espectáculos a *Companhia Lisbonense*" (46). Tudo leva a crer que estamos perante um Teatro de Verão, provavelmente a funcionar ao ar livre, situado no Bairro Novo, no local onde anteriormente actuou o Circo Mejstrick, durante o Verão de 1905. Encontrámos, ainda, uma única referência ao *Teatro-Duque*, um "*teatrinho de Buarcos*" (47), onde, em Julho de 1906, se realizou um espectáculo durante o qual foram apresentadas algumas comédias, presumimos, por amadores.

### 5.2.2. Géneros Teatrais

Pela análise do número de peças teatrais representadas, constatámos que, no ano de 1905, foram representadas unicamente 5 peças e só no *Teatro-Príncipe*. No ano de 1906, o *Teatro-Circo* começa a funcionar, tendo-se ali levado à cena 15 peças, contra 9 no Teatro-Príncipe. Esta situação mantém-se no ano seguinte, com 8 espectáculos representados no Teatro-Príncipe e 13 no Teatro-Circo. Verifica-se, assim, que é o Teatro-Circo que, a partir de 1906, leva à cena maior número de peças teatrais, traduzindo, deste modo, a grande afluência de público. Talvez a sua localização no

<sup>46)</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1502, 11 de Agosto de 1906.

<sup>47)</sup> *Idem*, n.º 1495, 18 de Julho de 1906.

Bairro Novo ajude a explicar esta sua intensa actividade.

Mas quais são as preferências do público? Que géneros teatrais consome a sociedade da praia?

Das peças mencionadas na *Gazeta da Figueira*, para os anos em causa, verificámos que a comédia predominava, seguida dos dramas, das óperas cómicas, das operetas e, por fim, das peças históricas e da revista. Atendendo a que estamos a analisar informação relativa a meses de Verão, período de descanso, lazer e diversão por excelência, talvez encontremos aqui uma justificação para a predominância do género comédia. Por outro lado, podemos detectar o gosto requintado de uma burguesia e aristocracia, pela menção à ópera e à opereta.

### *5.2.3. Actores e Companhias Teatrais*

Podemos afirmar que, no período em estudo, a Figueira viu e aplaudiu as melhores Companhias de Teatro da época, sobretudo oriundas de Lisboa. De 1906 a 1907, desfilaram no Teatro-Príncipe e Teatro Circo os actores da *Companhia de Teatro D. Amélia e Gymnásio*, *Teatro Normal*, *Companhia Lisbonense*, *Companhia Dramática de Lisboa*, *Companhia Lucinda do Carmo*, *Companhia do actor Cândido de Oliveira*, *Troupe Dramática de Cinira Apolónio*, *Troupe Dramática do actor Ferreira da Silva* e *Troupe Artística de Variedades*.

Todos os grandes actores dos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX, pisaram os palcos dos teatros figueirenses: *Henrique Alves (1905/906)*, *Ángela Pinto (1905)*, *Adelina Abranches (1906)*, *Ferreira da Silva (1906)*, *Lucinda do Carmo (1906)*, *Cândido de Oliveira (1906)*, *Palmira Bastos (1906)* e *Ferreira Cardoso (1906)*.

De salientar que não existe qualquer referência à actuação de Companhias Teatrais estrangeiras. Há uma preferência por actores e companhias portuguesas, contrariamente ao que se verificou

quanto aos outros géneros de espetáculos realizados, nomeadamente nos Casinos.

A vida cultural e recreativa da Figueira, durante a estação balnear, tem assim no teatro uma das suas grandes manifestações. E quando falamos em teatro, referimo-nos a teatro profissional, sintomático, também, da possível decadência do teatro amador.

### 5.3. As Touradas

Dentre as actividades recreativas e culturais de que o banhista poderia disfrutar, destaca-se a *tourada*, que se realizava com certa frequência, no *Colyseu Figueirense*, e com bastante agrado do público.

Originária da Península Ibérica, a arte de lidar reses bravas é já ancestral. Enquanto que em Espanha veio a predominar o toureio a pé, que culmina com a morte do touro, em Portugal, o toureio predomina na forma equestre, de feição fidalga e em que o touro, depois de lidado, é recolhido com vida.

Neste período, a *tourada* aparece-nos como uma festa já de características populares. No ano de 1905, durante a *saison*, a Figueira pôde vibrar, entusiasticamente, com as quatro corridas da época, tendo, numa delas, participado D. *Firmino Muñoz*, conhecido como *Corchado*, originário de Córdova, "*um jovem matador que se tem feito em Hespanha*"<sup>(48)</sup>.

As *touradas*, além de atraírem os aficionados banhistas, atraíam também visitantes ocasionais que, para assistirem às corridas, organizavam excursões, beneficiando de descontos nos preços dos bilhetes de comboio.

Em 24 de Julho de 1906, dia de S. João, inaugurou a sua época

<sup>(48)</sup> *Gazeta da Figueira*, n.º 1392, 19 de Julho de 1905.

o Colyseu Figueirense, apresentando uma " *corrida de dez bravos touros* "(<sup>49</sup>) e tendo a presença musical de seis filarmónicas da Beira Alta, além da habitual presença da *Real Filarmónica 10 de Agosto*. Neste ano, o Colyseu realizou apenas duas corridas, além de uma Garraizada em benefício da Associação Naval. Em Setembro deste ano, os curiosos puderam igualmente apreciar a "*ascensão do Balão Internacional, pilotado pelo arrojado aeronauta Ferramenta* "(<sup>50</sup>), que atingiu a altitude de 950 metros e percorreu a distância de 3 quilómetros.

Facto pouco habitual constituiu a presença de uma mulher toureira na arena do Colyseu Figueirense. De facto, em Agosto de 1907, a Figueira rejubilou com a presença da afamada toureira *Maria Salomé*, mais conhecida como *La Reverte*.

Também no intervalo da corrida realizada em Setembro desse ano, o público se deleitou com os "intervaleiros", *cavalleiros da moda* e o *Domador Africano*. Enquanto que os primeiros tentavam farpear um touro, o Domador apresentou um leão a lutar com um touro, o que deve ter causado sensação entre os assistentes.

Além do sol e das moscas, duas condições essenciais para se apreciar uma boa tourada, segundo um articulista da *Gazeta*, o banhista figueirense pôde apreciá-las com bons profissionais, factor determinante para que o Colyseu estivesse sempre "à cunha".

Para além destes espectáculos, certos espectáculos de circo tinham, ocasionalmente, lugar no recinto do *Colyseu Figueirense*.

## **6. Actividades Desportivas**

Seo banhista mundano encontrava na Figueira todos os requintes da sociabilidade dos grandes centros, o "sportsman" pode aqui,

(<sup>49</sup>) *Gazeta da Figueira*, n.º 1486, 13 de Junho de 1906.

(<sup>50</sup>) *Gazeta da Figueira*, n.º 1515, 26 de Setembro de 1906.

com toda a facilidade, praticar os seus exercícios, não lhe faltando instituições e ocasiões para o efeito.

A Figueira tomou-se, então, berço de muitos desportistas de destaque. A título de exemplo, lembremos José Bento Pessoa, exímio ciclista que se sagrou campeão em várias ocasiões. Só em 1905, foi duas vezes campeão, quer no velódromo de Lisboa, quer em corridas velocipédicas realizadas no Pará, Brasil.

Esta estância balnear oferece aos seus banhistas múltiplas e aliciantes actividades desportivas, como a natação, o ténis, a canoagem, a vela, o hipismo, a pesca, entre muitos outros.

Eram frequentes as regatas, promovidas quer pela *Associação Naval*, quer pelo *Gymnàsio-Club Figueirense*, destacando-se, habitualmente, a corrida entre estes dois clubes.

Contudo, não raras vezes, eram convidados outros clubes, como foi o caso do *Club Mário Duarte de Aveiro*, o *Club Fluvial do Porto* e a *Associação Naval de Lisboa*, ocasiões em que se disputava a Taça Mondego. As regatas eram, geralmente, compostas por várias corridas, onde se incluíam provas de natação, corridas de remo e de barcos movidos a gasolina, corridas essas também extensíveis à mulher. Este facto revela-se sintomático de uma crescente intromissão e afirmação da mulher em sectores que, até aí, lhe eram completamente alheios e vedados, como o desporto.

Para assistir comodamente a estas provas desportivas, o público tinha, à sua disposição, bancadas montadas para o efeito na Avenida Saraiva de Carvalho, frente ao rio Mondego. Havia preços para todas as bolsas, desde 300 réis, incluindo a protecção de um toldo, 200 réis, com direito a cadeiras numeradas, enquanto que os "peões" pagavam 100 réis. Era, assim, concedida aos amantes do "sport" mais uma oportunidade de passarem e, talvez, de participarem em óptimos momentos de lazer.

Nesta cidade balnear ocorriam, também, com certa frequência, *festivais desportivos*. Esses festivais constavam de corridas de

bicicletas, de motocicletas, corridas de burros-os chamados "*raids burricais*" que, para além da vertente desportiva, pretendiam divertir, quer os concorrentes, quer o público - além de corridas pedestres, torneios de ténis, campeonatos de luta, entre outras manifestações desportivas. Estes festivais entusiasmavam toda a colónia balnear: "*quer em quantidade, quer em qualidade (...), pessoas da nossa primeira água vão concorrer a esta sympathica festa*" (51).

Os "*raids-hippicos*" eram outra prova desportiva muito apreciada, alguns deles muito arrojados, como aquele que teve lugar em 1907. Incluía um percurso de 1.200 kms. e tinha a duração de 29 dias (com direito a cinco dias de descanso). O campeão seria o cavaleiro que primeiro chegasse a Lisboa, depois de ter cumprido, integralmente, todo o percurso.

Para além das actividades desportivas mencionadas, o banhista pode, sempre que o deseje, participar em qualquer pescaria ou, então, dedicar-se à caça, nos arrabaldes da cidade, usufruindo, simultaneamente, das belezas da paisagem.

## **Conclusão**

Como vimos, o século XIX marca uma nova atitude do homem em relação ao seu corpo. Os próprios ensinamentos da educação física fornecem dados para a "educação dos corpos" e a aprendizagem dos movimentos, proliferando assim práticas desportivas diversas que colocam o homem em contacto com a Natureza — o mar, a montanha, o campo—e permitem a conquista de novos elementos —a água, o ar, o sol e a terra. Procede-se assim à conquista da Natureza.

No último quartel do séc. XIX, Portugal é palco de uma cam-

(51) *Gazeta da Figueira*, n.º 1604, 14 de Agosto de 1907.

panha a favor do desporto e os espaços livres e arejados da Natureza povoam-se dos amantes do "sport", que praticam os exercícios, quer com o objectivo de se tomarem possuidores de um corpo forte e musculado, quer com a intenção de combaterem as doenças.

Sazonalmente, certas regiões do país despovoam-se em virtude do desenvolvimento dos meios de comunicação, nomeadamente o caminho de ferro, que conduz os ansiosos turistas aos locais de lazer, interrompendo, assim, as suas ocupações ordinárias.

As "férias" surgem e marcam a introdução de novas artes de existência. É neste contexto que o banhista se submete aos tratamentos marinhos, de acordo com as convenções estipuladas, usufruindo das propriedades medicinais dos banhos de mar.

Contudo, à medida que entramos no séc XX, o "ir a banhos" deixa de ser exclusivamente encarado como um tratamento terapêutico ou medicinal e é olhado como um acontecimento social. A praia transforma-se, então, num grande salão, onde se reúnem as famílias de elite aristocráticas e burguesas, com os amigos, e onde, sob os toldos à beira-mar, se abordam os assuntos mais diversos, esquecendo-se, amiudadas vezes, o mar e o sol.

A construção de vários troços ferroviários possibilitará a ligação da Figueira da Foz a outras regiões, originando a vinda de diversos tipos de banhistas, desde o banhista oriundo de famílias aristocráticas e burguesas, quer nacionais, quer estrangeiras, ao "banhista de alforge", de fracos recursos, que ávida e intensamente pretende usufruir das propriedades terapêuticas dos banhos de mar, tomando-os em pequenas doses, como se de uma panaceia se tratasse.

Paralelamente, a Figueira da Foz tem a necessidade de se modernizar, oferecendo um crescente número de infraestruturas de apoio aos seus banhistas, cada vez mais exigentes. Surge, então, na década de 80, o Bairro Novo, povoado de casinos, hotéis, cafés, e casas de moda, entre outras, destinadas a oferecer ao banhista mais exigente todos os locais de sociabilidade a que estava habituado nos

grandes centros urbanos. De facto, todas estas "comodidades" *à Figueira a primazia entre as praias portuguesas e preparam-lhe um brilhante futuro*" <sup>(52)</sup>.

<sup>(52)</sup> Figueiredo, A. Mesquita de, "A Figueira da Foz, estação balnear", *A Ilustração Portuguesa*, vol. II, 1906, pp. 147-154.

## ANEXOS

## I

## Almiara —1802 - Brevia

"No Anno de 1802, füy ter a Brevia (\*) em Almiara no 1 .º de Fbr.º com dois padres bons compannheyros R.D. Antonio dos Prazeres R. Vicente Carnerario do Mostr.º—Forão a cavallo dois cavalleyros Andantes d'aqui para alli, sujeyτος de muitos conhecimentos.

No tempo da Brevia forão ter à á.~ quinta quinta 4 conegos de S. Cruz, que forão tomar banhos do Mar a Buarcos. No dia 19 chegarão de tarde tres do Collegio bem arregaçados, que já de noite partirão no mesmo dia para Fôja Cavalleyros em duas bestas de Fôja e outra dAlmiara, com as suas esporas de prata em botas de bicaranhos; com o pretexto de irem também tomar banhos do Mar em Buarcos.

Nesta Brevia me fiiy despedir de Fôja, e de Sta. Eulália, cuja cappela se compoz de novo este Anno no q. tive bastantes trabalho na subida (...).

Os Cavalleyros de esporas de prata em bótas de bicaranhos divirtão-se huns com os outros, em quanto Deos os não chama a juiso, para lhes dar o prémio que merecem pelos seus bons serviços".

(Fonte: Coelho, João, "Os Cónegos Regrantes de Santa Cruz, a banhos, em Buarcos, há 134 anos!", *Álbum Figueirense*, II Ano, Abril de 1936, n.º 11, pp. 321-323).

## II

Neste estabelecimento balnear encontrará o público as maiores commo-didades, tanto no tratamento de banhos quentes salgados, douches, douches de chuva, alcalinos, algas marinhas, sulfurosos, de piscina e limpeza por preços relativamente baratos, como também um esmerado serviço de hotel (...).

Há também banhos de imersão em banheiras de vidro esmaltadas, banheiras fabricadas n'este estabelecimento (...). Este estabelecimento tem diariamente um magnífico automóvel para serviço dos seus clientes".

(Fonte: *Gazeta da Figueira*, n.º 1588, Junho de 1907).

(\*) Brevia: Horas de recreio nas comunidades religiosas.

### III

"Aguas chloretadas sódicas das Caldas d'Amieira analisadas no laboratório chimico da Universidade de Coimbra e as únicas do paiz semelhantes às de Luxeuil (França).

Applicam-se interna e externamente.

Da sua aplicação interna não há que recear pelo enfraquecimento do sangue, porque são tónicas e reconstituintes: o seu uso produz um effeito salutar. Podem beber-se sempre que haja sêde, por serem purissimas e agradáveis ao paladar. Empregam-se externamente em banhos, lavatórios, locções, etc.

Resultados maravilhosos nas doenças da pelle, das mucosas, escrophulismo, rheumatismo, lymphatismo, estomago, intestinos e baço".

(Fonte: *Gazeta da Figueira*, Janeiro de 1905).

### IV

"(...) Construirán! v.v. exas. um bairro novo, lindo e amplamente arruado com destino quasi exclusivamente a banhistas, e com quanto seja elle a continuação seguida da primitiva cidade, quasi o isolaram e d'elle se isolaram também!

Edificaram de mais n'esse bairro! O banhista tem ali tudo de quanto carece: —mar, balneareos, hotéis, pharmacias, casinos, cafés, cinematographos, colyseu, etc., etc.. Quero dizer: — deram ao bairro elemento de vida própria, como quem queria emancipar essa população forasteira... e ela emancipou-se! E o peor ainda, é ser estranho tudo quanto lá está e lá vive! O pessoal que explora, dirige e serve os hotéis, casinos e cafés é pessoal de fóra: as casas de modas, barbeiros, alfaiates e modistas, é gente de fóra: - garages, alquilarias, cocheiros, moços de fretes, engraxadores, cauteleiros, oculistas: — ainda gente de fóra! De maneira que, Bairro Novo e Figueira são hoje duas coisas inteiramente distinctas e pode dizer-se — pouco affeicoados e amigos".

(Fonte: *Gazeta da Figueira*, n.º 1619, Outubro de 1907).

### V

"(...) São findas as colheitas e as vindimas: toca a partir! Durante os primeiros seis, oito, quinze dias de Outubro, as terceiras classes (por não haver quarta) dos comboios beirões e extremelhos abarrotam desta fauna. Descem ao mar, vindos dos vinhedos do vale do Mondego, das charnecas fronteiriças, dos

olivais albicastrenses, das abas da Serra da Estrela. Coifando-se na capucha do Caramulo, vestem a jaleca alentejana, traçam o chale dos campos e várzeas coimbrãs (...), outros que já estiveram na cidade trazem feltros escuros e botas de elástico, sua gravata berrante, seu trancelim de prata donde pende uma moeda de dez tostões de duas caras, e engancham no braço esquerdo um desajeitado guarda-chuva.

Às mulheres falta, em geral, a coqueteria instintiva: são desleixadas, bambalhonas, vestem mal e com mau gosto. Das velhas não falemos: algumas parecem bruxas (..

(Fonte: *Album Figueirense*, III Ano, n.<sup>os</sup> 1 e 2, Junho/Julho de 1936, pp. 308-310).

## VI

"Pelos dez horas da manhã de quinta-feira, chegou a esta cidade, vindo de Leiria como préviamente anunciámos, o infante D. Manuel, que viajava a cavallo acompanhado do seu ajudante o sr. Visconde de Asseca.

Sua Alteza era esperada na ponte, à entrada da cidade pelo sr. administrador do concelho (...) que o acompanharam em automóveis trens e bicycletas até ao Hotel Lisbonense, onde se hospedou.

Depois do almoço, dirigiu-se o sr. D. Manuel ao Grande Club Peninsular, assistindo ao concerto que lhe foi dedicado pelo magnífico sextetto que ali funciona. Sua Alteza visitou as diferentes instalações do sumptuoso edifício, ficando agradavelmente impressionado. O grande salão do casino achava-se lindamente engalanado, pendendo da galeria que o circunda colchas de seda artisticamente dispostas. O Salão de baile, onde se realizam os concertos, estava completamente apinhado de damas e cavalheiros, tanto da cidade como da colónia balnear.

À noite, o Senhor Infante assistiu a parte do espectáculo do Casino Mondego, demorando-se também algum tempo no Peninsular. Retirou hontem em direcção ao Bussaco, sendo acompanhado até próximo de Maiorca".

(Fonte: *Gazeta da Figueira*, n.<sup>o</sup> 1609, Agosto de 1907).

## VII

"As lutas políticas na nossa terra, no período decorrido de 1876 a 1886, entre os partidários do antigo constitucionalismo monárquico, haviam atingido uma fase das mais aguerridas e também, contraste curioso, dado lugar a que a Figueira

se tivesse desenvolvido, apreciavelmente, tanto no campo económico, como no cultural ou artístico. Progressistas e regeneradores, ao passo que mutuamente se insultavam, continuavam a procurar, por todos os meios ao seu alcance (...), obter o melhor número de melhoramentos e de atractivos, para que êsses serviços, a favor da grei, servissem de engrandecimento dos seus partidos e de mais fácil conquista do eleitorado.

O Teatro Príncipe D. Carlos, inaugurado em 8 de Agosto de 1874, era considerado naquela época como um dos mais elegantes da província e de suficiente lotação para a terra, mesmo contando com a frequência dos turistas de Verão.

Mas como só dispunham dêle os amigos do sr. Pereira das Neves, forçado se tomou, aos íntimos de Joaquim Simões, a organização duma empresa idêntica para a construção doutra casa de espectáculos que ofuscasse aquela em todos os sentidos.

Em 23 de Dezembro de 1883, reunia a primeira Assembleia Geral da nova sociedade por acções, a que presidiu Joaquim António Simões. (...) Nessa reunião ficou assente dar ao teatro circo o nome de Saraiva de Carvalho, a quem se deve a construção do ramal de caminho de ferro da Pampilhosa à Figueira.

(...) A 3 de Setembro era inaugurado o Teatro Circo Saraiva de Carvalho, "o primeiro no género em Portugal", naquele tempo.

(...) O teatro amplo e circular, com elegantes camarotes numa altura bem estudada e as bancadas da geral em volta da plateia, tinha a lotação para 22000 pessoas, pôsto que oficialmente fosse fixada da forma seguinte: Camarotes—44; Fauteuils — 120; Cadeiras — 500; Geral — 900 (...).

(Fonte: *Album Figueirense*, I Ano, de Junho de 1934 a Maio de 1935, n.º 8).

## BIBLIOGRAFIA

**Fontes:**

- *A Córcega*, Figueira da Foz, 1915.  
 — *Gazeta da Figueira*, Figueira da Foz, 1905-1907.

**Bibliografia de Apoio Metodológico:**

- **ARIÈS, Philippe e Duby, Georges**  
*História da Vida Privada*, vol.4, *Da Revolução à Grande Guerra*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.
- **BARRETO, Mascarenhas**  
*Corrida. Breve História da Tauromaquia em Portugal*, vol. I, Lisboa, Agência Portuguesa de Revistas, 1972.
- **BASTOS, ANTÓNIO DE SOUSA**  
*Dicionário do Teatro Português*, Imprensa Libório da Silva, Lisboa, 1908.
- **BORGES, JOSÉ PEDRO ABOIM**  
*Figueira da Foz*, Editorial Presença, Lisboa, 1991.
- **CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira**  
*Permanência e Mudança em duas comunidades do Litoral: Figueira da Foz e Buarcos entre 1861 e 1910*, 2 vols., Universidade de Coimbra, 1989.
- *O Teatro na Figueira da Foz (1860-1884)*. Separata da revista *Munda*, n.º6, Coimbra, 1983.
- **CAVACO, Carminda**  
*O Turismo em Portugal. Aspectos evolutivos e espaciais*. -Separata de *Estudos Italianos em Portugal*, n.ºs 40, 41 e 42.
- **COELHO, João**  
 "Os Cónegos Regrantes de Santa Cruz, a banhos, em Buarcos, há 134 anos!", *Album Figueirense*, Ano II, n.º 11.
- **COLAÇO, Branca de Gonta**  
*Memórias da Linha de Cascaes*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1943.

- CRESPO, Jorge  
*A História do Corpo*, Lisboa, Difel, 1990.
- FALCÃO, Manuel Ayres  
*Figueira da Foz, Roteiro da Cidade*, Coimbra, s.d.
- FIGUEIREDO, ANTÓNIO MESQUITA DE  
"Figueira da Foz, Estação Balnear", *A Ilustração Portuguesa*, vol. II, 1906.
- Gande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXII, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa, Rio de Janeiro.
- MARTHA, Cardoso  
"O Banhista de Alforge", *Álbum Figueirense*, Ano III, nº 10.
- MARTINS, LUÍS PAULO SALDANHA  
"Banhistas de mar no séc. XIX, um olhar sobre uma época", *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, Porto, 1.ª Série, Vol. V, Porto, 1989.
- ORTIGÃO, Ramalho  
*As Praias de Portugal — Guia do Banhista e do Viajante*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943.
- John Buli—O processo Gordon Cumming, Lord Salisbury e correlativos desgostos*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943.
- PINHO, Jorge Manuel Martins de  
*A Toponímia do Bairro Novo*, Figueira da Foz, 1982.
- PINTO, Maurício  
"Teatro-Circo Saraiva de Carvalho", *Álbum Figueirense*, Ano I, nº8.
- RAUCH, André  
*Vacances et pratiques corporelles—La naissance des morales du dépaysement*, Paris, P.U.F., 1988.
- REBELLO, LUÍS FRANCISCO  
*Historia do Teatro Português*, Publicações Europa-América, 4.- Edição.